

## NOS ENTREMEIOS DA MEMÓRIA:

Histórias de Sensibilidades infantis na Paraíba (1930/ 1950)\*

VALDIRENE PEREIRA DE SOUSA\*\*

### PRIMEIRAS PALAVRAS

*A infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de gênero, classe, etnia e história. Distintas culturas, bem como as histórias individuais, constroem diferentes mundos da infância. (Gusmão, 2000, p. 17, apud Pinto & Sarmento, 1997: p.17)<sup>1</sup>*

Os primeiros anos do século XX no Brasil foram marcados por um cenário de reformas justificado pelos discursos higienistas, civilizatórios, modernizadores e progressistas, com vistas à construção da nação brasileira e de um povo que acompanhasse os propósitos modernistas. A institucionalização da infância pelos discursos pedagógicos, jurídicos, médicos, entre outros, começavam a se articular socialmente, apresentando a preocupação de fabricar paradigmas de proteção e de acolhimento às crianças, a partir de uma abordagem etária dos corpos. A ampliação da educação e a preocupação com o tempo livre arregimentam os debates políticos em torno dessa infância que começava a preocupar a dinâmica social. A expansão desses dispositivos escolares vai atingir o cenário paraibano, que ao recepcionar esses discursos (re)fabrica condutas disciplinares pautadas em um novo modelo educacional, tendo o início dos anos de 1930 até o fim da década de 1940 o momento de “euforia educacional” (PINHEIRO, (2002, p. 182). Diante desse contexto de operacionalização da infância interessa-nos a problematização das identidades desviantes desse olhar normatizador.

Este cenário cartografado tem nos impelido a lançar um olhar sobre as histórias de infância, (re)significadas através das memórias afetivas de idosos(as) que vivenciaram lugares de infâncias não inscritos nos discursos pedagógicos assentados sob os códigos da escolarização.

---

\* Este artigo é parte da discussão pretendida no projeto de tese intitulado: **Maquinando rostidades para infâncias:** Histórias de sensibilidades infantis e dispositivos escolares para crianças na Paraíba (1930/1950)

\*\* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)- Doutoranda em História. Orientanda da Professora Doutora Cristina Scheibe Wolff. Contato: [vall\\_id2000@yahoo.com.br](mailto:vall_id2000@yahoo.com.br)

<sup>1</sup> Trecho citado por: Gusmão, 2000, p. 17, apud Pinto & Sarmento, 1997, p.17

Infâncias fabricadas, experimentadas e praticadas sob o viés de gênero e das pertencas sociais, que não se inserem na delimitação moderna que constrói esses lugares de infância submetidos a uma pedagogização dos corpos, tão presentes durante as décadas de 1930/1950.

Para a pesquisa dessas memórias o Centro de Convivência<sup>2</sup> é tomado como demarcação espacial por ser um espaço institucionalizado de dispositivos da velhice, aglutinador de subjetividades múltiplas. Muitos idosos participantes desse espaço são naturais de várias cidades do interior nordestino, principalmente da região do Cariri, e apresentam em suas identidades diversas maneiras de sentir-se homem, sentir-se mulher, velho, jovem, criança, formas bastante particularizadas, assentadas sob as experiências de vida que teve cada sujeito. As subjetividades etárias e de gênero se configuram de forma múltipla e plural na construção de suas narrativas.

A partir desses aspectos plurais encontrados nas espacialidades do Centro de Convivência, enquanto espaço institucionalizado da velhice, investimos na problematização das subjetividades infantis dos sujeitos idosos pesquisados, marcadamente influenciadas pelo viés das pertencas sociais e das experiências de gênero. As lembranças emergiram durante a realização de oficinas de memórias e entrevistas individuais no Centro de Convivência, foram 05 idosos que contribuíram com narrativas para a construção deste artigo, seus nomes não são revelados durante os relatos de experiência, nomes fictícios substituem seus nomes verdadeiros.

Durante os encontros individuais e coletivos, as dores, os desejos, os medos, as alegrias, os sentimentos mais escondidos explodem em suas faces através de palavras, olhares, lágrimas e/ou de silêncios. Os idosos relembram algumas experiências passadas e as tornam dizíveis e visíveis para nós. Todavia, mediante esse processo de releitura do passado, muitas experiências são silenciadas, muitas dificuldades pesam sobre a possibilidade de narração das histórias de vida marcadas pela dor, histórias densas de sentidos, e, por conseguinte, hesitações, incompletudes e esquecimentos apresentam-se sob as rememorações. No entanto,

---

<sup>2</sup> Espaço administrado pela SEMAS- Secretaria Municipal de Ação Social, fruto da institucionalização da Política Nacional do Idoso, o Centro de Convivência, fundado no ano de 2000, assessora treze grupos de terceira idade campinenses, computando um total de 321 idosos cadastrados, sendo 228 mulheres e 93 homens e conta com uma equipe multidisciplinar e transdisciplinar composta por 17 pessoas.

a visibilidade e a dizibilidade das experiências narradas pelos sujeitos investigados possibilitam vir à tona a multiplicidade de significados (re)inventados na construção de si e dos outros.

## MEMÓRIAS DAS SENSIBILIDADES INFANTES

*A memória não é um simples lembrar [que ocorre espontaneamente] ou recordar [que é um trabalho deliberado da consciência], mas revela uma das formas fundamentais da nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado.<sup>3</sup>*

A relação dos sujeitos com a memória está calcada nas suas experiências com o tempo, com as diversas dimensões temporais que se mesclam em suas narrativas, enquanto elementos simbólicos que acionam a possibilidade de reinstituir lugares de pertencimentos, através das lembranças e dos esquecimentos. Nesse sentido recorreremos à memória como aporte e como instância criativa para pensarmos as narrativas sobre a infância, as quais possibilitam aos sujeitos o rompimento dos sentidos instituídos e a emergências de outras práticas.

Não pretendemos (re)afirmar nesse trabalho, com a escolha de pensar as representações infantis dos idosos sob a forma de memórias, a associação entre velhice e memória como algo natural, perspectiva comumente priorizada por alguns discursos em diversos campos do saber das ciências humanas e sociais, os quais constroem discursivamente o indivíduo velho enquanto sujeito prisioneiro do passado e, portanto, legitimado como o responsável socialmente pelas recordações. Os discursos que mostram a experiência de envelhecer agregada à experiência das recordações constroem lugares naturalizados, principalmente quando esses discursos incidem na construção da memória enquanto função social dos indivíduos velhos e esses, portanto, são legitimados e aceitos socialmente como portadores desse lugar marcado pelo lembrar. As lembranças e o ato de lembrar, de rememorar foram construídos socialmente como inerentes à experiência de envelhecer, vindo a impedir a associação com as outras experiências etárias. Na recusa a esse cenário associativo de experiências de velhice e recordações do passado, somos instigados por Bérghson (1985), a

---

<sup>3</sup> Trecho extraído de CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995.

pensar as lembranças estando presentes em qualquer percepção, portanto, podendo advir de quaisquer indivíduos, de quaisquer experiências etárias.

“A memória possui um primeiro e bem definido patamar: a memória é desencadeada de um lugar, e este se situa no presente. A memória do passado revela, de imediato, sua incontornável inscrição no tempo presente.” Seixas (2002, p. 62-63) baseada em Bergson nos traz esta abordagem relacional da memória com o presente, aspecto que nos permite associar à nossa proposta de pensar as memórias dos sujeitos investigados enquanto respostas ao apelo do presente.

Nesse sentido, as experiências infantis trazidas por meio das memórias afetivas dos idosos nos possibilitam investigar um cenário que se faz cambiante e plural, que está marcado pela representação do passado e do presente, como territórios de fronteira. As subjetivações das percepções estão carregadas das marcas de memórias, mas também estão repletas de injunções do presente, que atuam deslocando significados acerca daquele passado.

*[...] Como afirma Bergson (1990), não há percepção pura, assim como não há memória pura. Nossa percepção do presente e as lembranças do passado estão marcadas pelas nossas histórias cotidianas, que são sempre individuais e coletivas. (Montenegro, 2010: p. 40; 64)*

Um dos entrevistados, o senhor Inácio<sup>4</sup>, ao começar sua narrativa ressalta que tivera uma infância marcada pelo trabalho na roça, local onde passara toda sua infância e parte de sua adolescência. O trabalho esteve fortemente impregnado no seu modo de vida, na sua rotina diária, começou a trabalhar a partir dos 07 anos de idade e este foi o marco que lhe permitiu conhecer o significado da responsabilidade de ter de trabalhar junto com seu pai para ajudar uma família de 12 irmãos. Ao adentrarmos no universo de experiências de infância do senhor Inácio, encontramos um cenário refeito de lembranças marcadas por sentimentos ambivalentes, que transitam entre a dor de uma vida marcada por limitações e a satisfação de ser educado segundo uma moral patriarcal rígida, que de acordo com suas palavras, lhe fez homem.

*Eu sou natural de Mamanguape, até os 7 anos de idade eu tive infância, mas depois tive que trabalhar na roça com meu pai, precisava muito de trabalhar, a família*

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida a autora no centro de Convivência no dia 24 de Novembro de 2009.

*tava...em crescimento, eu sou de uma família de 12 irmãos e todos são vivos ainda. Aí vim trabalhar na roça com meu pai logo cedo, comecei a trabalhar com 7 anos, mas de qualquer maneira eu tinha uns brinquedos, eu tinha uns 7 anos de idade e comecei a brincar né, mais aí de vez em quando deixava de brincar pra ir pra roça, mas foi muito bom assim em termo de conhecimento [...]*

A construção narrativa de infância é significada com matizes das experiências acumuladas no presente. A representação da criança trabalhadora, que começou a trabalhar cedo para ajudar os pais e a família, ganha contornos positivos em sua fala devido ao acionamento de outros lugares de memórias vivenciados por experiências acumuladas ao longo de sua vida:

*(...) hoje eu tava numa reunião da igreja, tinha mais gente que aqui, aí levantou uma irmã e disse: ‘é errado uma criança trabalhar’, ela começou a conversar, na reunião tinha uma base de 70 pessoas mais ou menos, quando ela terminou eu levantei o dedo e disse: irmã eu quero a palavra! Eu disse: ‘olhe! Muita gente acha que uma criança trabalhar é ruim, mas num sei, eu não estudei porque não tive oportunidade, só fiz o segundo ano primário, mas quando eu tenho oportunidade eu dou até uma palestra, já dei várias palestras com meu segundo ano. Então, eu digo a vocês que hoje eu posso dizer que sou um homem dignamente porque Deus me ensinou, em primeiro lugar através do meu pai e o conhecimento na palavra de Deus, mas eu digo a você, a criança trabalhar nunca foi ruim nem vai ser ruim, porque o que ensina a ser gente é trabalhar desde criança, porque eu conheço lá no meu lugar mesmo as crianças que trabalharam tudin deu pra homem e hoje os que não tão trabalhando tão dando tudo pra vagabundo, fumando maconha e crack e os que trabalharam nenhum deu pra ruim porque foi ensinado como homem a trabalhar, num estudaram, mas (...) eu me acomodei um pouco, mas depois tive a oportunidade de estudar, mas hoje eu vejo aí, os filhos com 18 anos 20 anos, num quer trabalhar, num quer estudar, aí vai ser vagabundo, não tem outro caminho não, é vagabundo, por isso que o mundo ta assim, uma criança trabalhar é válido, eu acho que seja, no meu ponto de vista (sic) (...)*

A projeção do lugar do trabalho como elemento capaz de dignificar e transformar alguém em um “homem de bem”, se faz através de uma moral religiosa e de uma moral patriarcal em que ele foi educado, acionadas em seu discurso de forma a lhe autorizar a perceber o sujeito que “trabalha” como alguém digno socialmente, incapaz de ser desvirtuado pelas drogas, e o sujeito que não foi educado dentro dessa moral do trabalho como estando, portanto, condenado à “marginalidade” e à “vagabundagem”.

Os fragmentos das memórias de infância trazidos na narrativa do senhor Inácio também nos possibilitam refletir acerca dos papéis assumidos pelas crianças no seio familiar e na nossa sociedade, em um contexto que tem como demarcação espacial o interior nordestino,

especificamente na zona rural, e como demarcação temporal as primeiras décadas do século XX. Um espaço-tempo demarcado por uma série de práticas regionalistas e tradicionalistas e de uma progressiva subordinação em relação ao Sul do país que vão culminar na constituição de uma identidade nordestina marcadamente centrada no masculino e nas relações patriarcais definidoras das relações de gênero e etárias (Albuquerque Junior, 2003). Como era configurado o período da infância nesse cenário delineado pelo senhor Inácio e quais as fronteiras que determinavam o fim dessa infância? Julgamos por bem nos deter um pouco mais sobre as configurações e representações dessa demarcação etária tecidas no discurso do sujeito entrevistado.

Albuquerque Júnior (2003) destaca, a partir dos discursos de Freyre, que o campo se constituiu como espaço por excelência da dominação do poder patriarcal, dessa forma de organização familiar em que “Os filhos deviam obediência total às determinações dos pais, sob pena de serem castigados (...)” (p.61). A construção de um lugar de infância dentro dessa moral patriarcal, assinalada por Albuquerque Júnior (2003), é determinada por uma lógica desigual das relações etárias, configuradas sob o signo da subordinação. A criança estaria presa à determinação dos pais, principalmente à figura paterna detentora do poder de dominação.

A narrativa do senhor Inácio nos possibilita pensar as experiências de infância vivenciadas nesse território rural marcado pela tradicionalização dos costumes, por uma moral patriarcal bastante forte, definidora das relações sociais. A construção de sua narrativa vai moldando uma experiência de infância destoante da concepção de infância enfatizada pelos discursos normativos que pensam a criança como sujeito de direitos, principalmente a partir da proposta de criação de políticas específicas com vistas a nortear o atendimento à infância. A experiência infante deste sujeito entrevistado foi fortemente marcada pelo trabalho, sua fala e gestos são enfáticos quando ele diz que trabalha desde os 07 anos de idade. Essa foi a demarcação temporal representada em sua narrativa como o momento de saída do universo infantil e de entrada no mundo das responsabilidades [associado ao universo da adultez] que lhe foi apresentado de forma impositiva pelo pai: trabalhar para ajudar na criação dos 12 irmãos.

*[...] as minhas brincadeiras eram assim: nós fazíamos peão de tronco de jurema, nós brincávamos a vontade, fazíamos pipas, brincávamos meninos com meninas, logo no início era tudo junto, mas tinha hora que a brincadeira era só de menino num sabe! No futebol era só menino, nos banhos era só menino, aí então minha infância foi essa aí, brinquei muito de toca, tanto dentro da água como fora, aí tinha também assim umas brincadeiras que nós brincávamos muito assim, fazia uma divisão do terreno, nós botávamos umas bandeiras, uma bandeira quer dizer um ramo de mato, e ficávamos seis daquele lado e seis do lado de cá, digamos assim, pra roubar a bandeira de cá sem tocar na gente, e agente ia tocar a bandeira de lá, então tinha umas brincadeiras muito boas na minha época e ainda hoje tenho lembrança, muito gratificante mesmo, a gente aprendeu muito (...)*

Encontramos ainda na fala do senhor Inácio sinalizações de uma vivência de infância carregada de sentidos lúdicos. Apesar das dificuldades e carências reveladas em sua narrativa, ele enfatiza que a infância foi um período de grande aprendizagem, e como um dos fatores responsáveis pelo aprendizado, destaca o aspecto lúdico da infância, as brincadeiras desenvolvidas sub-repticiamente, os brinquedos confeccionados nos intervalos do trabalho. Astuciosamente o senhor Inácio, em conjunto com outras crianças, desenvolvia e criava brinquedos e brincadeiras dentro das possibilidades que lhe eram cabíveis, a partir dos instrumentos que a natureza lhe oferecia.

A entrada no universo escolar foi sucumbida pela entrada no universo do trabalho, uma escolha que não cabia às crianças, cabia à figura paterna definir e escolher os caminhos que os filhos deveriam seguir para tornarem-se “homens de vergonha” e “mulheres de bem”. O trabalho era instituído como o melhor caminho para educar os filhos, de acordo com os preceitos morais comungados na época, a instituição escolar evidenciada na contemporaneidade como uma das responsáveis pela proteção dos direitos da criança não existia no universo experiencial do senhor Inácio, que devido às dificuldades de subsistência encontradas no âmbito doméstico, não pôde frequentar a escola. Outro motivo que lhe impossibilitou de receber uma educação escolarizada foi a ausência do ambiente escolar na zona rural onde ele morou até os 17 anos.

*(...) eu vim pra cidade com 17 anos, eu não tinha conhecimento de nada da cidade e a cidade que eu enfrentei logo foi o Rio de Janeiro, nem a minha cidade eu conhecia, porque eu morava no interior, nem energia tinha, era candeeiro, passei uns quatro anos no Rio de Janeiro e vim embora pra'qui e até hoje. Hoje graças a Deus eu construí uma família maravilhosa e to vivendo tranqüilo graças a Deus. Eu tive um pai e uma mãe muito boa, mas dinheiro não existia sabe! Quando eu comprava uma calça, a outra já tava remendada, pra mim foi bom, foi gratificante*

*porque me ensinou ser homem com aquela capacidade que Deus me deu, meu pai me ensinou, hoje sou pai de quatro filhos, tudo homem de vergonha, tenho quatro filhos maravilhosos, quatro bençãos, foram todos criados aqui, nada do que eu disse aqui eles não conhecem não, conhecem porque eu disse e quando nós íamos para sítio também nós arrancávamos aquela batatona da roça sabe! E... Fazíamos fogo e assávamos, ficava uma maravilha, um gosto muito saboroso, churrasco de batata doce, é bom demais! A gente que vivia no sítio, a gente passou muita necessidade, uma fome geral não, mas uma necessidade grandilosa (sic) mesmo, mas a gente superou tudo.*

O universo citadino lhe foi apresentado somente no período da adolescência, quando o senhor Inácio saiu do âmbito familiar a procura de emprego na cidade grande, sua saída da zona rural e sua chegada à cidade do Rio de Janeiro são marcadas pelo estranhamento. Albuquerque Junior (2003, p.101) fundamentado em Freyre relata de forma panorâmica a preponderância da cidade enquanto um dos fatores responsáveis pela crise da sociedade patriarcal e delinea as mutações subjetivas provocadas pela experiência citadina.

*A cidade é o lugar do estranho, do diferente, do não-rotineiro, da mudança, do combate e do distanciamento das manifestações tradicionais da cultura. É o apego do desenraizamento, da desterritorialização, da falta de apego à terra, de fim do idílio com a natureza. Espaço da confusão de cores, de gentes, de cheiros, de muito ruído.*

Nesse espaço de confusão de gentes, cheiros e ruídos o senhor Inácio não conseguiu ficar muito tempo, apenas 04 anos, pois decidiu voltar para a Paraíba. Sua infância e parte de sua adolescência fora construída na relação com o campo, sob a ética do trabalho, fator que o faz defender o trabalho infantil enquanto uma experiência educacional necessária para formação da dignidade do indivíduo, conforme citado anteriormente. Esta valorização positiva do trabalho infantil encontrada na fala do senhor Inácio é comum entre as famílias pobres, que vêem na atividade laboriosa um lugar de aprendizado da disciplina e de valores morais necessários à formação do indivíduo, e não como desvio de função, que é um dos aspectos discutido pelos programas institucionais que apregoam a erradicação do trabalho infantil<sup>5</sup>.

*A associação do trabalho com o mundo da ordem, tornando-o fonte de superioridade moral, leva também à valorização do trabalho dos filhos. Como o do homem e da mulher, o trabalho dos filhos faz parte do compromisso moral entre as pessoas na família. (Sarti, 2003, p: 103-104)*

<sup>5</sup> A título de exemplificação apresentamos o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), um dos principais programas que tem o objetivo de erradicar o trabalho de crianças e adolescentes no país. É desenvolvido e mantido pelo Governo Federal desde 1996 e conta com o co-financiamento dos estados e a execução direta dos municípios.

Outros relatos de experiências infantis corroboram a demarcação do lugar de infância marcada pela relação entre campo e trabalho. Ao lembrar as experiências de infância a senhora Dora enfatiza esse lugar marcado sob a égide do trabalho:

*A minha infância foi mais no sítio, eu morava com meus avós, lá eu vivia plantando feijão, plantando milho e apanhando algodão. E na época da colheita do arroz, era meio dia em ponto com um chapéu de palha, que não tinha tamanho, na cabeça, batido e molhado, era pro mode (sic) os passarinhos não comerem o arroz. Agora isso pra ganhar um vestido durante o ano todin (sic). E então, a minha infância mermo pra brincar de boneca eu só tinha uma chancezinha quando eu vinha na casa de meus pais, mais minha infância foi todinha dentro do mato.*

A senhora Eva<sup>6</sup> também vivenciou esse lugar de infância marcado pelo trabalho árduo na roça, pela ausência de uma educação escolar, por dificuldades financeiras e relembra com tristeza sua experiência de infância:

*Não brinquei de boneca, nem estudei, passei minha infância no cariri, na fazenda Quixaba. Eu não tinha estudo, fiquei com meus irmãos, meu pai morreu, quando eu nasci meu pai morreu, aí minha vida foi essa, só vida de doido, não tive alegria pra nada. Trabalhava na roça, só alimpar mato, eu alimpava porque meu padraço botava, mãe casou duas vezes, mas só foi pra sofrer, eu num conto nenhuma vantagem da mocidade, to contando agora, porque eu nasci agora, depois que entrei nesse Centro de Convivência viu!(sic)*

Mais uma das participantes da oficina de memórias pede para expor suas memórias de infância, a senhora Lia<sup>7</sup>. Caminha com dificuldade até chegar ao centro do círculo, pois tivera um AVC (Acidente Vascular Cerebral), se expressa também com muita dificuldade e com muita emoção, à medida que sua fala vai sendo expressa pausadamente, lágrimas escorrem em sua face. Contudo, ela afirma querer continuar a narrativa sobre sua experiência infantil.

*Eu trabalhei muito no sítio, era um sítio lá em Puxinanã, meu pai não deixava a gente estudar, minha mãe escondia uma boneca debaixo da cama pra meu pai não ver, porque se ele visse batia muito. Um dia eu tava conversano com minha mãe, falano que eu tava com saudade da minha tia, queria ver ela, aí meu pai chegou e perguntou gritano o que a gente tava conversano, eu disse que não era nada não, só tava dizeno que tava com saudade da minha tia, daí ele me bateu muito, muito, disse*

<sup>6</sup> Entrevista concedida a autora no centro de Convivência no dia 24 de Novembro de 2009.

<sup>7</sup> Entrevista concedida a autora no centro de Convivência no dia 24 de Novembro de 2009.

*que não era pra eu sair de casa, ele só deixava ir pra igreja com minha madrinha. [...] quando ele ia cortar o cabelo a gente brincava, mas era bem escondido. [...] hoje eu dou pras minha netinha o que eu não tive, eu compro muitas bonecas (...). (sic)*

Sua infância fora marcadamente uma experiência de proibições, de desejos recalcados, anseios reprimidos, o repressor dos seus desejos de infância foi seu pai, a figura autoritária paterna, responsável pelas determinações que cada membro da família deveria seguir. Mas, apesar da senhora Lia está inserida nesse cenário de dominação, comandado pelo seu pai, com vistas à obediência irrestrita, linhas de fuga foram produzidas, “maneiras de fazer” cotidianas sub-repticiamente foram tecidas. Astuciosamente foram criados meios que possibilitaram a experimentação das brincadeiras de infância, a saída do pai para cortar o cabelo era um dos momentos que a senhora Lia utilizava para brincar de boneca e para falar com sua mãe livremente sobre seus desejos. Mediante à produção astuciosa e silenciosa da senhora Lia, a proibição paterna não impossibilitou suas brincadeiras de infância. De acordo com Arend (2012, p. 76)

*Para muitas famílias pobres, entretanto, suas filhas não precisavam estudar, pois entendiam que as meninas, desde muito cedo e sem escolaridade formal, já tinham conhecimento suficiente para ajudar os pais na manutenção da família e, depois, sobreviver na vida adulta. Nas zonas rurais, esse pensamento era ainda mais arraigado que na cidade, uma vez que meninas, além de executarem os serviços domésticos, eram obrigadas a atuar nas lides agrícolas.*

Estas brincadeiras de infância reprimidas na infância dos sujeitos supracitados, conforme narrado, se transformam em uma prática permitida e constante na infância delineada discursivamente pela senhora Emília<sup>8</sup>. Outro cenário infante é (re)desenhado por ela, embora comungue da mesma demarcação temporal dos outros sujeitos entrevistados, a demarcação espacial se diferencia, sua infância fora vivenciada integralmente numa cidade capital, a liberdade foi um dos aspectos marcante de sua fala na descrição de sua infância.

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida a autora no centro de Convivência no dia 24 de Novembro de 2009.

“Eu hoje sou feliz porque tenho essa infância dentro de mim.” Essa infância reportada na fala da senhora Emília foi construída pela sua narrativa enquanto uma experiência maravilhosa, viva de sentidos.

*Se eu fosse falar, essa semana não daria pela minha infância, [...] eu era toda magrinha, mas eu fazia tudo que tinha direito, foi uma infância maravilhosa, eu fui criada pelos meus avós, sabe! E eu brinquei, eu brincava na rua, porque naquele tempo a gente tinha a liberdade de brincar na rua, [...]eu com dez anos saía pra praia pra tomar banho, naquele tempo não tinha tarado nem nada, jogar vôlei, eu jogava rasteirinha de peão, pegava na palma da mão, pipa, eu fazia tudo que tinha direito. Um dia eu saí, tinha um sapateiro que tinha 7 filhas, então ele ia pescar todo domingo, aí um dia ele foi pescar levou as filhas todinhas né, meninas da minha idade, nesse tempo eu acho que eu já tinha uns 12 anos, aí levou aquela turma todinha pra pescar no cais do porto, longe, a gente andava um pedaço né! Passava a praia e ia pescar, aí eu disse ah! eu vou com seu Giverto, aí fui não avisei nada a minha mãe porque ela não ia deixar né! Aí quando eu dei fé o tempo, tava escuro e minha mãe doida em casa procurando, procurando, ela ficou detrás da porta com um tênis ‘criolo’ que se usava naquela época, nunca me esqueci disso, era um tênis branco, ‘criolo’ que tinha, é porque hoje em dia os tênis são sofisticados, mas naquela época era só aquele tipo, mas menina! ela detrás da porta escondidinha que quando eu passei ela me pegou com esse tênis ‘criolo’, pense numa ‘piza’. Mas aí minha infância foi maravilhosa, eu era uma menina muito ativa, com dez anos eu já negociava, não era que eu tivesse condições de...[nesse instante ela faz o gesto de dinheiro] porque minha família era abastada né, o lado dos meus avós, não me faltava nada, mas eu era uma menina muito interessada, eu tirava cajarana da cajaraneira, eu levava pro colégio, eu vendia, eu fazia quadros, eu negociava e a minha vida foi muito ativa, tive uma infância ma-ra-vilhosa né, por isso que eu ainda hoje sou feliz porque eu ainda tenho essa infância dentro de mim, então eu brinco, danço, eu danço a dança cigana. Eu tive uma infância maravilhosa, com tudo que tive direito, sem contar nas brigas né, que eu era tão magra que me botavam o apelido de esqueleto humano, mas só que eu era braba né! (...) (sic)*

Ao (re)desenhar suas experiências de infância, a senhora Emília constrói a infância sob os signos das brincadeiras e travessuras, da liberdade de brincar permitida por seus pais, diferentemente das infâncias do interior do nordeste, vivenciadas no campo, marcadas pelo labor e pelas ausências de oportunidades. Conforme assinalou Albuquerque Junior (2003, p.61) ao descrever a crise da sociedade patriarcal e o papel da cidade nas mutações subjetivas, os valores trazidos pela educação urbana eram distintos daqueles apreendidos no campo e, portanto, reveladores de outro modelo de infância.

*As mutações subjetivas provocadas que a educação urbana das novas gerações das elites teria provocado levava a uma progressiva dissensão em relação aos valores e costumes predominantes na sociedade agrária e escravocrática, entre eles o da obediência cega aos pais (...)*

A pluralidade experiencial das infâncias trazidas pelas memórias afetivas dos sujeitos idosos participantes do Centro de Convivência revela adaptações, (re)apropriações, (re)significações dos papéis sociais instituídos normativamente às categorias etárias, revela um amálgama de sentidos e significações, que possibilitam o transitar pelos não-lugares construídos nas/pelas experiências do cotidiano. Suas narrativas distanciam-se de toda a arregimentação discursiva que se articulava socialmente com vistas a instituir o lugar da infância associado à noção de escolarização e possibilitam a explosão de outros lugares, os quais foram vivenciados sob os signos do trabalho e das brincadeiras, sob outras referências que deslocam/invertem o lugar normativo construído socialmente. São narrativas que constroem outros lugares de infância, os quais também se inserem dentro das práticas da sociedade, lugares construídos sob memórias que transitam entre as diferentes fronteiras etárias, entre os lugares infantes, juvenis e senescentes. Devires que se instalam através das marcas subjetivas desses sujeitos, (re)desenhadas nas cartografias geracionais que emergem das histórias de vida impregnadas de sentidos múltiplos, responsáveis pela constituição de si e pela inventividade de si.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Nordestino: uma invenção do falo**. Uma história do gênero masculino (Nordeste-1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.
- ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”. In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.) **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. pp. 15-34.
- AREND, Silvia Fávero. “Trabalho, escola e lazer”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. & PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 65-83.
- PRIORE, Mary Del. **História da Criança no Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2002.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- AUGRAS, Monique. História oral e subjetividade. In: Simson, O.R.M.Von.(org.) **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 213-222.
- BERGSON, Henri. **Matière et Mémoire**. Paris: PUF, 1985.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção de Cotidiano: 1-artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 1995.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Infância e Educação – Era uma vez – quer que conte outra vez?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** 3ª edição. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
- FREITAS, Marcos Cézar de. **História Social da Infância no Brasil.** 5ª edição. São Paulo, SP: Cortez, 2003.
- GONDRÁ, José. (org.) **História, Infância e Escolarização.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.
- HEYWOOD, Colin. **Uma História da Infância: da Idade Média à época Contemporânea.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LARROSA, Jorge & LARA, Nuria Pérez de (orgs). **Imagens do outro.** Petrópolis: vozes, 1998.
- LLORET, Caterina. As outras idades ou as idades dos outros. In: LARROSA, Jorge & LARA, Nuria Pérez de (orgs). **Imagens do outro.** Petrópolis: vozes, 1998.
- MAGRO, Viviane M. de Mendonça. Espelho em Negativo: a idade do outro e a identidade etária. In: **Infância e Velhice** Pesquisa de Idéias. Alínea Editora, 2004, p.33-46.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, metodologia, memória.** São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Ciência, história e memória: Questões metodológicas.** In: ERTZOGUE, Maria Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes. **História e Sensibilidade.** Brasília: Paralelo 15, p. 112, 2006.
- \_\_\_\_\_. **História Oral: caminhos e descaminhos.** Revista Brasileira de História. Memória, História Historiografia. Dossiê Ensino de História. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, vol.13, n.25/26, p. 55-65, 1992-93.
- NARODOWSKI, Mariano. **Adeus à Infância** (e à escola que a educava). IN: NOLASCO, Sócrates. **A Desconstrução do Masculino.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- OLIVEIRA, Iranilson B. **Façamos a Família à nossa Imagem: a construção da Família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30).** Recife, 2002, tese (Doutorado em História) CFCH, Universidade Federal de Pernambuco.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e história de vida: usos da história oral. In: **História Oral.** Revista da Associação Brasileira de História Oral, volume 8, Número 1, Janeiro-Junho de 2005, p. 91-106.
- SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** 2 Ed. rev. São Paulo: Cortez, 2003.
- SEIXAS, Jacy Alves de. Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica. In: SEIXAS, Jacy, BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion (Orgs.). **Razão e paixão na política.**